

A SUBSTITUIÇÃO DAS RELAÇÕES HUMANAS PELA TECNOLOGIA REPRESENTADA NO HUMOR DOS VÍDEOS DO GRUPO PORTA DOS FUNDOS

Gabriela Floriani
Luiz Rogério Camargo

RESUMO

O projeto propõe investigar a crescente substituição das interações humanas pelo uso da tecnologia, utilizando como objeto de estudo os vídeos do grupo Porta dos Fundos sob a perspectiva do humor. Embasado em estudos bibliográficos que exploram, entre outras, as teorias de György Lukács sobre Reificação e as reflexões de Henri Bergson acerca do humor, o trabalho emprega a metodologia de análise qualitativa dos vídeos selecionados, combinada a dados relacionados ao tema que sustentam as observações. O objetivo é compreender e analisar, especialmente sob a lente da comicidade, de que maneira a relação entre o ser humano e a tecnologia se desenvolve na contemporaneidade. Os resultados do estudo buscam contribuir para uma compreensão mais aprofundada dos impactos da tecnologia nas relações humanas, utilizando uma abordagem ancorada no universo humorístico do grupo Porta dos Fundos.

Palavras-chave: Porta dos Fundos. Tecnologia. Substituição. Reificação. Relações Interpessoais.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea testemunha um cenário de transformações, no qual a tecnologia desempenha um papel cada vez mais relevante na construção das relações humanas. O grupo Porta dos Fundos, aborda essa mudança social em muitos de seus esquetes, vídeos curtos e objetivos, utilizando o humor como ferramenta reflexiva, afinal, como observou Henri Bergson:

Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social. [...] O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (Bergson, 1983, p. 9)

Ou seja, o humor é um reflexo daquilo que a sociedade vive. Assim sendo, este projeto de pesquisa tem como propósito investigar as nuances presentes na representação do processo de substituição das relações interpessoais pela tecnologia, tal como aparecem nos vídeos do Porta dos Fundos. Essa abordagem se sustenta na análise de sete vídeos selecionados, nos quais a interação entre o humano e a tecnologia é tematizada de maneira cômica.

A fundamentação teórica deste estudo é embasada em pensadores como Zygmunt Baumann e György Lukács, além da perspectiva do cômico, fundamentada por Henri Bergson, cujas contribuições oferecem um conjunto teórico relevante para a análise das manifestações humorísticas nos vídeos em questão.

O trabalho foi dividido em três capítulos, a fim de analisar os vídeos sob três diferentes figuras de humor: o primeiro capítulo dedica-se a analisar o cômico mediante o uso do exagero, presente de forma marcante nos esquetes do Porta dos Fundos; o segundo explora a ironia como elemento humorístico; e o terceiro investiga a quebra de expectativa como um recurso humorístico.

Assim, ao unir o humor à perspectiva teórica dos, entre outros, pensadores destacados, esta pesquisa almeja discutir as complexidades do fenômeno em questão, oferecendo uma análise das representações humorísticas da substituição das relações humanas pela tecnologia nos vídeos do grupo Porta dos Fundos.

1 O HUMOR ATRAVÉS DO EXAGERO

De acordo com o folclorista russo Vladimir Propp (1992), “para criar caracteres cômicos é necessário certo exagero” (Propp, 1992, p. 134), o que se torna evidente nos vídeos do Porta dos Fundos, visto que, para gerar humor, o grupo faz o uso dessa ferramenta, caracterizada nos dizeres de Pinheiro (2013, p. 153) como a “substituição de um termo próprio e pertinente por outro que excede semanticamente os limites da verossimilhança”.

Assim, no vídeo denominado “Aplicativos”, que retrata a conversa de três amigas em um restaurante, torna-se clara a transgressão dos limites da verossimilhança quando uma delas afirma ter realizado o enterro de seu próprio pai por meio de um aplicativo:

AMIGA 1: Eu vou ter que comprar um celular, não tenho mais espaço.

AMIGA 2: É, mês passado eu enterrei meu pai por aplicativo, né?

AMIGA 3: Que é isso?

AMIGA 2: Não, sem condição emocional de cuidar de funeral. Aí eu fiz tudo pelo iTumb. É sensacional, gente. Eu baixei depois que ele morreu, né? Dois dias depois. Eu não conhecia.

AMIGA 1: Isso existe mesmo, é?

AMIGA 2: Existe. Aí você escolhe: cremar, criogenar ou enterrar. Mas isso é o iTumb Plus, que é o mais caro. O que eu fiz você escolhe o cemitério, o número de buquês e escolhe a tumba no Google Maps, o local que ela vai ficar.

AMIGA 3: Nossa, maravilhoso (Porta dos Fundos, 2017).

Quando uma das amigas fala que precisa comprar um novo celular para que possa instalar mais aplicativos, nota-se um indicativo da importância dada às ferramentas virtuais, o que se completa ao ouvir a segunda amiga afirmar que não tinha condições emocionais para cuidar de um funeral, portanto, decidiu delegar a função para um aplicativo chamado *iTumb*. A letra *i* aparece em diversos outros nomes da rede digital, algo que começou quando Steve Jobs, fundador da *Apple*, incluiu a letra no nome de um computador, *iMac*, a fim de lembrar seus clientes do que era oferecido pela marca: “*internet*”, “*individual*” (de pessoal), “*instruct*” (instruir), “*inform*” (informar) e “*inspire*” (inspirar) (Jones, 2023) Atualmente, continua-se a ver a letra *i* marcando outras ferramentas, como o *iFood*, cuja tradução literal é “*iComida*”, um aplicativo pelo qual o usuário pode pedir refeições e tê-las entregues em um endereço de escolha a um curto período de tempo. Da mesma maneira que o *iFood*, o aplicativo que a amiga usou para enterrar o pai conta com o *i* antecedendo uma palavra em inglês, *Tumb*, que significa “*Tumba*”.

Assim, ao perceber a surpresa das amigas ao ouvirem sobre o aplicativo até então desconhecido, a usuária do *iTumb* explica que, como em outros aplicativos usados

diariamente, pode-se escolher, entre as funções, qual melhor se encaixa para a situação, no caso, cremar, criogenar ou enterrar, opções que seriam escolhidas, normalmente, em uma funerária. Além disso, a amiga menciona que a última opção pode ser escolhida através do *iTumb Plus*, cujo termo “Plus” significa “mais” e indica uma versão melhor para os aplicativos, geralmente com um valor mais elevado, conforme explica a personagem.

Em seguida, há um contraste do que normalmente acontece durante o processo funerário, no qual o familiar ou amigo próximo vai até o cemitério para ver onde será enterrado o ente querido, considerada uma etapa importante no luto, mas que foi deixada de lado pela Amiga 2, que explica ter escolhido o local da tumba de seu pai pelo *Google Maps*, um aplicativo de navegação que permite visualizar de maneira ampla e precisa os endereços selecionados nos quais um usuário deseja chegar, no caso do *iTumb*, o cemitério, assim, em nome da praticidade, essa ferramenta do aplicativo torna a relação com o falecido ainda mais impessoal.

Dessa maneira, elas prosseguem a conversa, como se o luto fosse indiferente para as três, apesar da própria Amiga 2 ter afirmado não ter condições emocionais para lidar com um funeral, e indicam outros aplicativos que podem servir como facilitadores em suas rotinas corridas, como o *iKid*, que se encarrega da educação dos filhos.

AMIGA 1: Meu Deus do Céu, a hora! Eu tenho que pegar o Lucas. Desculpa, eu tenho que ir embora,

AMIGA 3: Que é isso? Busca ele pelo *iKid*.

AMIGA 1: Outro aplicativo?

AMIGA 3: Você não conhece o *iKid*? Gente, eu nem cuido mais do Pedrinho. É tudo pelo *iKid*.

AMIGA 1: Você não vê teu filho? Você não cuida mais? Você não faz mais nada?

AMIGA 3: Não, eu vejo meu filho... de 15 em 15 dias, mas o resto eu faço pelo *iKid*, é muito fácil. Olha aqui, ó.

AMIGA 1: Como é que é isso?

AMIGA 3: Eu coloquei pra cuidar do Pedrinho até os 18 anos. Aí você escolhe umas funções tipo curso de inglês, levar na Disney, buscar no colégio... essas coisas (Porta dos Fundos, 2017).

No vídeo, tem-se a percepção de que os aplicativos estão cumprindo, no lugar dos homens e mulheres, papéis importantes nas relações interpessoais e que, por conta da grande quantidade de informações e aparentes benefícios que esses podem trazer, por vezes até parecem ser melhores do que o contato humano. Como no caso do *iTumb*, o *iKid*, que traduzido literalmente significa “iCriança”, trás opções para que as relações interpessoais, mesmo que familiares, sejam reduzidas, uma vez que são vistas como fardos e buscam ser facilitadas através do que é representado, no vídeo,

pelos aplicativos, que parecem estar substituindo essas relações de forma exagerada, como é evidenciado pela Amiga 1 ao perguntar de forma surpresa se realmente existe mais um outro aplicativo.

O humor através do exagero continua quando a Amiga 3 afirma que nem cuida mais de seu filho e o vê apenas de 15 em 15 dias, mais uma vez trocando uma relação tão pessoal e importante quanto a educação de um filho em nome da praticidade gerada por um aplicativo. Além disso, a Amiga 3 discorre sobre as demais funções que o *iKid* apresenta, mas que deveriam ser realizadas pelos pais ou responsáveis: promover um curso de inglês, fazer uma viagem para a *Disney* e buscar na escola, o que também relaciona-se com a aparência de que os bens materiais são os mais importantes na educação de um filho, como se uma viagem de lazer fosse primordial para que os pais sejam considerados bons.

Apesar dos aplicativos não terem chegado ao ponto de substituírem, de fato, o papel dos pais como responsáveis por seus filhos, é, justamente, pelo exagero da conversa das amigas, marcado pela naturalidade com que a substituição das relações pessoais pelos aplicativos é encarada, que o vídeo demonstra, através dessa ferramenta de humor, uma atual e crescente tendência humana, como comprova *data.ai* (2023), uma empresa americana especializada em tecnologia, em uma pesquisa atualizada a cada ano, que os usuários de celulares passam cerca de 5,5 horas diárias em aplicativos, superando as estatísticas dos anos anteriores (Sydow, 2023).

Em contrapartida às amigas que tinham como objetivo resolver todas as pendências por meio de aplicativos de celular, em outro esquete do grupo, intitulado “*WhatsApp*”, em uma reunião da empresa que teria desenvolvido o aplicativo, é apresentada uma nova função chamada “*Vida*”, apresentada como aquilo que foi tirado dos usuários quando concordaram com os termos de uso ao abrir o aplicativo pela primeira vez. Ao ouvir sobre a nova função e entrar em contato com o que a “*Vida*” é capaz de fazer, Tati, uma das funcionárias, demonstra emoção, de maneira exagerada, tornando cômica a situação dos usuários do *WhatsApp* que esquecem, por vezes, como é conversar pessoalmente com algum conhecido.

CHEFE: É muito simples, Tati, quer ver? (*Saindo da frente da apresentação de slides e se aproximando de Tati na mesa redonda dos funcionários*) Vou te explicar.

TATI: Tá.

CHEFE: Pega seu telefone, vou botar aqui. (*Coloca o telefone na mesa, longe de ambos*) Pode começar, Tati.

TATI: Como assim?

CHEFE: Já tá sendo, já.

TATI: Já? Mas eu não recebi nenhum aviso de vida aqui!

CHEFE: Você recebeu o aviso quando eu falei o seu nome.
TATI: É personalizado, então?
CHEFE: Totalmente integrado à agenda, tenta aí.
TATI: Tá. (*Leva a mão vazia próxima da orelha*) Oi, chefe.
CHEFE: Você pode até abaixar a mão, viu, Tati? (*Afastando a mão de Tati de sua orelha*)
TATI: Ah, tá. (*Parecendo confusa*)
CHEFE: Oi, Tati! Tudo bem com você?
TATI: Tudo bem!
CHEFE: Como foi seu dia, Tati?
TATI: Foi ótimo. Eu acordei, tomei...
CHEFE: Café?
TATI: Café! (*Apontando para o chefe demonstrando surpresa*)
CHEFE: Vocês repararam que eu consegui interromper o interlocutor enquanto ele falava comigo.
TATI: Que foda!
CHEFE: Não é só isso, não, Tati. Olha só, você quer, por acaso, receber uma foto? (*Mostra uma imagem impressa*)
TATI: Gente, eu tô vendo!
CHEFE: Você tá vendo a foto, Tati (Porta dos Fundos, 2016).

Ao longo do esquete, torna-se claro que a personagem Tati é uma representação exagerada de um usuário do *WhatsApp*. Assim, no momento em que o chefe diz que o uso da ferramenta já estava acontecendo, Tati se mostra confusa e diz que não recebeu nenhum aviso de vida, como se todas as relações interpessoais exigissem uma notificação, tal como acontece nos aparelhos celulares, para avisar o usuário do que está prestes a acontecer. Dessa maneira, o chefe responde que, para usar essa ferramenta, não era necessário um aviso prévio, mas que a interação entre eles havia começado no momento em que ele disse o nome da colega, ao que ela reage de forma surpresa, percebendo que a Vida é uma ferramenta personalizada, muito diferente do que era visto por ela no *WhatsApp*, através do qual as relações se tornam superficiais e artificiais, como o sociólogo polonês Zygmunt Baumann (2011) explica e exemplifica em uma de suas Cartas ao Mundo Líquido Moderno, “Sozinhos no meio da multidão”:

Os inventores e vendedores de walkmans, os primeiros aparelhos portáteis que nos permitiram “ouvir o mundo” onde quer que estivéssemos e sempre que desejássemos, prometiam aos clientes: “Você nunca mais estará só!” [...] Sabiam que havia milhares de pessoas nas ruas que se sentiam solitárias e odiavam essa solidão dolorosa e abominável; pessoas que não só estavam privadas de companhia, mas que sofriam com essa privação. Em lares cada vez mais vazios durante o dia, onde o coração e a mesa de jantar da família foram substituídos

por aparelhos de TV presentes em todos os cômodos - “cada indivíduo preso em seu próprio casulo” -, um número sempre decrescente de pessoas podia contar com o calor revigorante e alentador da companhia humana; sem companhia, elas não sabiam como preencher as horas e os dias (Baumann, 2011, p. 12).

Apesar do sociólogo não citar especificamente o *WhatsApp*, o papel que as tecnologias em geral têm tomado são como ao dos *walkmans* e aparelhos de televisão citados por Baumann e que são meio para a superficialidade e artificialidade das relações.

Assim, o cômico também se faz presente quando Tati, ao iniciar a conversa com o chefe, leva a mão próxima de sua orelha, como se fosse falar ao telefone, indicando que a maneira com a qual está mais acostumada a estabelecer diálogos é através de um aparelho celular, visto que é por meio dele que estabelece a maioria de suas relações, conforme se torna explícito durante os demais comportamentos e reações da personagem, marcados pelo exagero. Assim, quando o chefe fala que ela pode “até abaixar a mão” e a afasta do rosto da funcionária, ela parece confusa, como se o telefone fosse um mediador essencial entre os interlocutores para que um diálogo possa ocorrer. Entretanto, apesar de ser tão diferente daquilo que era vivenciado por Tati através da tecnologia, ela inicia a conversa com seu chefe.

O diálogo continua e ela parece cada vez mais surpresa, percebendo que tudo que fazia por intermédio do *WhatsApp* pode ser feito de forma presencial, contando com interrupções ao vivo e a visualização de imagens impressas, o que ela vê como a materialização daquilo que era experimentado, de forma incompleta, através do aplicativo. Dessa forma, por meio do exagero, percebe-se que ações cotidianas estão perdendo seu espaço para as relações que se limitam à conversas virtuais, que impedem, além de tudo, o contato físico, como percebido em outro momento do vídeo, no qual o chefe toca o rosto de Tati:

CHEFE: E agora pro *gran finale*.

TATI: Não é possível que tem mais!

CHEFE: Preparada? (*Tati faz sinal positivo com a cabeça e o chefe aproxima sua mão do rosto dela*)

TATI: Eu senti! Eu senti! É *touch*?

CHEFE: É 4D, Tati!

TATI: Gente, esse *Vida* vai bombar!

CHEFE: Éééé... na verdade, Tati, é essa *Vida*. Quando a gente comprou os direitos já tava no feminino a gente resolveu manter (Porta dos Fundos, 2016).

A diminuição das relações interpessoais por conta de aplicativos é comprovada através de uma pesquisa realizada em 2016 por uma empresa russa chamada *Kaspersky Lab*, que entrevistou cerca de 16 mil pessoas de vários países, incluindo o Brasil, entre as quais 35% afirmaram que, após começarem a usar as redes sociais, passaram a se encontrar menos com seus amigos e familiares. Assim, através do exagero das reações de Tati, entende-se a estranheza que uma conversa pessoal pode gerar em alguém que está acostumado a manter relações de uma maneira majoritariamente virtual. Essa estranheza também tem relação com o que Baumann escreveu sobre a maneira que os aparelhos tecnológicos evidenciam a busca por satisfazer uma aparente necessidade sem que haja muito esforço, tal como acontece em aplicativos de mensagem como o *WhatsApp*, que dispensam o toque físico e demais fatores que caracterizam as relações interpessoais:

Os aparelhos eletrônicos respondem a uma necessidade que não criaram; o máximo que fizeram foi torná-la mais aguda e evidente, por colocarem ao alcance de todos, e de modo sedutor, os meios de satisfazê-la sem exigir qualquer esforço maior que apertar algumas teclas (Baumann, 2011, p. 11).

A personagem, achando difícil ser ainda mais surpreendida, declara ter sentido o toque físico como se fosse algo extraordinário, o que é seguido pela pergunta: “É *touch*?” (Porta dos Fundos, 2016), que também vem como expressão de humor, visto que a palavra *touch*, traduzida do inglês, significa “toque” e, no meio digital, expressa os aparelhos que podem ser manuseados através desse movimento. A pergunta da funcionária é respondida quando o chefe diz que a ferramenta é 4D, ou seja, faz uma alusão aos filmes de experiência 4D, que além de audição, visão e visão ampliada - conhecida também como 3D - conta com experiências físicas, formando, ao todo, quatro dimensões de sentido que vão além da simples leitura de mensagens e são, na realidade, a vida real, apresentada para a personagem como uma nova ferramenta do *WhatsApp*.

Por fim, Tati afirma, de maneira empolgada, que “esse Vida vai bombar!” (Porta dos Fundos, 2016), da mesma forma que refere-se a outras funções e aparelhos recém lançados e têm a expectativa de fazerem grande sucesso no mercado. O humor nessa frase está no momento em que a personagem usa o substantivo “esse” flexionado no masculino, indicando que, além de tudo, os usuários de aplicativos de mensagem esquecem-se até do que é a vida em si, como se fosse um fenômeno acessório que pode ser colocado lado a lado com as demais ferramentas oferecidas pelo *WhatsApp*, como envio de fotos, áudios e documentos.

2 O HUMOR ATRAVÉS DA IRONIA

Outro elemento que funciona como recurso humorístico nos vídeos do grupo é a ironia, que Propp definiu como:

Em palavras diz-se algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, oposto ao que foi dito. A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade. (Propp, 1992, p. 127)

Assim, é possível identificar a ironia em vídeos como “Sistema de Segurança”, “Forma de Pagamento” e “Teste para Robô”, nos quais torna-se clara a aparência de algo bom na substituição do humano pelo tecnológico, visto que, de acordo com uma pesquisa realizada em 2017 pelo *McKinsey Global Institute*, até 30% das tarefas em aproximadamente 60% das ocupações profissionais correm o risco de serem automatizadas através das novas tecnologias disponíveis. Entretanto, na verdade, a ironia contida no que é, aparentemente, um benefício, vem justamente como uma ferramenta para revelar os defeitos desse processo, como definiu Propp.

Em “Sistema de Segurança”, um dos personagens contrata uma empresa de segurança, que, em vez de instalar um sistema tecnológico, coloca em frente à casa uma senhora chamada Dona Odete.

DONO DA CASA: Mas já foi, já?

TÉCNICO: Já, já. Tudo resolvido. Qualquer probleminha, o senhor pode ligar na assistência técnica que a gente resolve na mesma hora.

DONO DA CASA: Mas não vi onde vocês instalaram.

TÉCNICO: Instalamos o quê?

DONO DA CASA: As câmeras de segurança. Não é isso que veio fazer?

TÉCNICO: A gente não trabalha mais com câmera, é coisa ultrapassada, a gente instalou aqui D. Odete, muito boa, inclusive.

DONO DA CASA: O que é isso? Essa senhora ali? (*Olhando e apontando para D. Odete*)

TÉCNICO: Você não queria o melhor sistema de segurança do mercado? D. Odete, fofqueira de rua, o melhor que nós temos. Fica tranquilo, que ninguém na rua faz uma coisa diferente que D. Odete não saiba.

DONO DA CASA: Cara, queria uma coisa mais tecnológica, sabe.

TÉCNICO: Cai nessa, não. Tecnologia trava, não capta som direito, e D. Odete é diferente. D. Odete tem visão periférica, ouvido supersônico, tem leitura corporal, consegue, inclusive, saber o que o sujeito vai fazer antes mesmo de fazer.

DONA ODETE: (*gritando*) Ó lá! O filho da Márcia. Anda igual um viciado em droga. Isso é falta de Deus!

DONO DA CASA: Só queria um alarme que tocasse aqui se tentassem invadir a casa, acionar a polícia, o básico.

DONA ODETE: (*gritando para outra senhora que está do outro lado da rua*) Neusa!

DONA NEUSA: (*gritando em resposta*) Oi!

DONA ODETE: (*gritando*) Viu o rapaz com camisa de time?

DONA NEUSA: (*gritando*) É bandido?

DONA ODETE: (*gritando*) Não, é o filho da Cleide.

DONA NEUSA: (*gritando*) Não, não vi não.

DONO DA CASA: Não tô entendendo isso.

TÉCNICO: Isso aqui é alarme integrado. Seu vizinho adquiriu uma Neide. O outro ali adquiriu uma Bete. Então, elas se comunicam entre si aos berros e com o mínimo de movimentação possível.

DONO DA CASA: Mas, cara, não intimida. Se tentarem invadir minha casa e derem de cara com uma senhorinha...

TÉCNICO: Irmão, D. Odete conhece a mãe de todo mundo em 27 municípios. Acha que alguém vai querer roubar em frente à amiga da mãe? Depois que a gente implementou na região fofoqueiras de rua, os assaltos caíram em 80% (Porta dos Fundos, 2023b).

No vídeo, o técnico de segurança, ao ser questionado pelo dono da casa sobre onde a câmera teria sido instalada, responde dizendo que essas são ultrapassadas e que, em seu lugar, foi “instalada”, como se fosse um aparelho tecnológico, uma “senhora fofoqueira” chamada Odete, um nome comum no Brasil e que acentua ainda mais o humor, visto que o expectador pode conhecer uma senhora com esse nome ou o das demais senhoras que foram adquiridas, como se fossem produtos, e instaladas em casas vizinhas: Neusa, Neide e Bete. Assim, todas essas personagens são caracterizadas por serem “fofoqueiras de rua”, o melhor sistema de segurança do mercado, de acordo com o técnico, já que “ninguém na rua faz uma coisa diferente que Dona Odete não saiba” (Porta dos Fundos, 2023b).

Outra justificativa usada pelo técnico para ter instalado uma senhora fofoqueira em vez de uma câmera de segurança é a alegação de que as tecnologias estão suscetíveis a não funcionar devidamente, enquanto as senhoras têm seus sentidos apurados para captar as fofocas e conseguem, até, prever o que as pessoas farão.

Dessa maneira, exemplificando o que já foi descrito sobre as senhoras fofoqueiras, Dona Odete começa a conversar, entre gritos, com Dona Neusa, uma das senhoras instaladas na vizinhança. As personagens se comportam como amigas em uma conversa sobre fatos alheios, o que o técnico chama de “alarme integrado”, uma ferramenta que, na tecnologia de segurança, aciona múltiplos alarmes que estão integrados quando um primeiro identifica algum movimento estranho. O alarme integrado das senhoras consiste, na verdade, em julgamentos comumente feitos acerca de terceiros, o que é

evidenciado quando Dona Odete diz que o filho da Márcia está viciado em drogas por conta da “falta de Deus” em sua vida ou quando Dona Neide pergunta se um bandido foi visto apenas porque um rapaz usava uma camisa de time, gerando humor, de forma irônica, ao evidenciar o preconceito ligado às aparências e muito presente nas conversas sobre terceiros, definidas pelo próprio técnico de segurança como “fofocas”.

Ao fim dessa conversa e da explicação do técnico sobre o sistema de alarmes integrados, o dono da casa afirma que estava buscando algo mais intimidador e tecnológico, diferente de uma senhorinha, ao que o técnico responde trazendo a questão moral de que ninguém realizaria um assalto em frente à amiga de sua mãe, já que dona Odete e as demais senhoras conhecem muitas pessoas, fenômeno comum na vida de idosas brasileiras.

Assim, o vídeo “Sistema de Segurança”, através da ironia, representa uma tecnologia sendo substituída por senhoras fofoqueiras, de forma diferente ao que acontece normalmente e é representado, através do exagero, nos vídeos analisados no primeiro capítulo, no qual as pessoas são substituídas por aparelhos tecnológicos.

Da mesma maneira, é possível observar um processo chamado reificação, definido no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007, p. 841) como

REIFICAÇÃO (fr. Réificatiou; ai. Verdinglichungit. Reificaziom’). Termo empregado por alguns escritores marxistas para designar o fenômeno, ressaltado por Marx, de que, na economia capitalista, o trabalho humano torna-se simples atributo de uma coisa: “A magia consiste simplesmente em que, na forma de mercadoria, devolve-se aos homens, como espelho, as características sociais de seu próprio trabalho, transformadas em características objetivas dos produtos desse trabalho, na forma de propriedades sociais naturais das coisas produzidas; portanto a mercadoria espelha também a relação social entre produtores e trabalho global, como relação social de coisas existentes fora dos próprios produtos. Por meio desse *quidpro c/uo os* produtos do trabalho tornam-se mercadorias, coisas sensivelmente supra-sensíveis, isto é, sociais” (Das Kapital I, I, § 4). O termo R. para indicar esse processo foi usado e difundido por G. Lukács (cf. *Geschichte und Klassenbewusstsein*. 1922).

Assim, o fenômeno da reificação é evidenciado no vídeo “Formas de Pagamento”, no qual, após um jantar, um grupo de amigos precisa efetuar o pagamento da refeição e passa a usar movimentos do próprio corpo como moeda, ironizando, também, as inovações tecnológicas no âmbito monetário.

AMIGO 1: É crédito

GARÇOM: Aproximação? (*aproximando a máquina do celular do cliente*)

AMIGO 3: Ele gosta de tirar onda com as tecnologias dele! Encostou o celular e pagou a parada!

AMIGO 2: Que tecnologia, meu irmão? Agora tudo é assim.

AMIGA: É assim que faz, ué.

AMIGO 2: O meu também é aproximação. (*pega a máquina na mão e sorri*) Precisa da minha (via do cartão), não.

AMIGO 3: Tu sorriu pra máquina e pagou a conta?

AMIGO 2: Todo mundo sabe o que é isso é, pô. Já tem um tempão. Reconhecimento facial: carinha sorrindo é débito, carinha triste é crédito.

AMIGO 3: Caramba...

AMIGA: Muito desviado das tecnologias, cara! Tu tem que se atualizar, hein? Moço (*direcionando-se ao garçom*), é no crédito, só um momentinho (*levantando-se*).

AMIGO 3: Eu já tinha visto do celular, agora a do sorriso, realmente... me pegou de surpresa, mesmo.

AMIGA: (*Dança em frente à máquina apresentada pelo garçom*) Acho que foi. Precisa da minha (via do cartão), não, obrigada.

AMIGO 3: (*surpreso*)

AMIGO 1: Vai me dizer que tu não sabia também?

GARÇOM: Senhora, acho que o sistema caiu... (*levantando e movimentando a máquina*) não passou.

AMIGA: Ah...

AMIGO 1: Eu pago a dela, eu pago a dela.

AMIGA: Tu paga? Obrigada.

AMIGO 1: Pode ser Pix?

GARÇOM: Pode ser no Pix.

AMIGO 3: Pix eu conheço, Pix funciona. Vou fazer a chave, né?

AMIGO 1: (*Levanta-se e aproxima-se do garçom, que abre a camisa, é lambido pelo Amigo 1 e ouve-se o som de pagamento aprovado*)

AMIGO 3: (*Confuso*) Gente...

AMIGA: Ele tá pagando. (Porta dos Fundos, 2023a)

Nos últimos anos, as formas de pagamento digitais têm obtido grande destaque no Brasil, como cartões de crédito ou débito integrados ao celular que efetuam o pagamento à simples aproximação do aparelho à máquina de cobrança ou o *Pix*, um tipo de transferência bancária mais rápida que as tradicionais. Os novos tipos de transações, de acordo com o setor financeiro do site G1, “Valor Investe”, o Relatório de Economia Bancária indicou que 79% dos pagamentos realizados no Brasil em 2022 foram feitos através de aparelhos celulares (Ribeiro, 2023). Assim, o Amigo 3 representa a surpresa do povo brasileiro em relação às novas formas de transações quando vê o Amigo 1 efetuar seu pagamento através da aproximação de seu celular. Uma vez que as novas formas de pagamento são naturalizadas, o humor do esquete inicia-se, através da ironia, mostrando alternativas de pagamento, expondo o fenômeno da reificação que, de acordo com Lukács,

[...] se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e dessa maneira, onde uma “objetividade fantasmagórica” que, em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental: a relação entre os homens (Lukács, 2003, p. 194).

O segundo personagem a efetuar o pagamento, o Amigo 2, mistura a tecnologia do reconhecimento facial, que é capaz de desbloquear desde uma tela de celular até a porta de uma casa, com o pagamento por aproximação, já descrito anteriormente, o que caracteriza um efeito de humor, visto que traz, como se fosse comum, duas tecnologias distintas unidas em uma só, marcando os avanços tecnológicos e a dificuldade em acompanhá-los, devido sua grande velocidade. Além disso, após o pagamento, o Amigo 2, por ter sorrido em frente à máquina no momento do reconhecimento facial, explica que “carinha sorrindo é débito, carinha triste é crédito” (Porta dos Fundos, 2023a), uma vez que, para efetuar o pagamento no débito, é necessário ter fundos monetários na conta no momento da compra, para que o valor seja descontado imediatamente, enquanto o crédito permite que o pagamento inicie apenas depois e possa ser parcelado em mais vezes. A escolha entre débito e crédito e os sentimentos que são gerados por ela, como representado na “carinha triste ou carinha feliz”, pode levar o espectador a se identificar, lembrando de situações cotidianas nas quais teve de escolher uma das formas de pagamento e provocando o riso.

Por fim, chega a vez da Amiga realizar o pagamento, que de acordo com ela, será no débito. Após levantar-se da cadeira e posicionar-se em frente à máquina de cobrança, executa alguns passos de dança muito comuns em uma rede social chamada *TikTok*, rede social que conta com vídeos curtos gravados por usuários que buscam o maior número de visualizações, e acaba, por vezes, expondo de forma escancarada as vidas de muitas pessoas em nome de uma validação no aplicativo, como se estivessem vendendo seus próprios costumes, muito caracterizados, nessa rede, pelas danças. O site *data.ai* realizou uma pesquisa para verificar quais são os aplicativos mais utilizados em dez países e, nos resultados, teve o *TikTok* como o mais utilizado ao redor do mundo (Sydow, 2023), conforme indicado em uma tabela, que se encontra no anexo do artigo, organizada pelo site.

Assim, relacionando o alto uso do *TikTok* ao redor do mundo com o crescente uso das carteiras digitais, o esquete traz mais um recurso de humor que evidencia o que está acontecendo na atualidade. Assim, após a tentativa de pagamento da Amiga, o garçom indica que o pagamento não foi aprovado, ao que o Amigo 1 responde dizendo que pagará a conta dela através do *Pix*. Entretanto, em vez de usar a ferramenta da maneira que já foi mencionada anteriormente, ele aproxima-se do garçom, que desabotoa a

camisa e é lambido pelo Amigo 1, o que deixa o Amigo 3 ainda mais confuso e surpreso, mas é visto pelos demais personagens como algo comum.

Dessa maneira, o vídeo representa a relativização do fenômeno da reificação, uma vez que “nasceu da estrutura reificada da consciência” (Lukács, 1989, p. 126), pois os amigos já não se importam mais em usar partes e movimentos do próprio corpo para realizar o pagamento do jantar. Isso acontece através da ironia, visto que representa algo negativo de forma zombeteira, característica descrita por Propp (1992) para esse recurso, fazendo com que o consumidor do vídeo se identifique ao lembrar de situações nas quais precisa realizar um pagamento e se conectado com os atuais fenômenos de troca do ser humano pela tecnologia, ou, como acontece no vídeo, ironicamente, do ser humano tentando se parecer com a tecnologia a fim de ter seu pagamento aprovado.

O último vídeo a ser analisado pelo viés da ironia será o intitulado “Teste para Robô”, que tem como personagens Jorge, um funcionário em processo de demissão da empresa na qual trabalhava ao ter sua ocupação substituída por um robô, e Luiz, o responsável por dar a notícia da troca do funcionário pela nova tecnologia, caracterizando, mais uma vez, o fenômeno estudado por Lukács, conforme será aprofundado em seguida.

LUIZ: Jorge, já chega, Jorge. A vaga é do robô e acabou.

JORGE: Porra, Luiz, me dá uma chance aí, cara. A gente já conversou sobre isso. Sou praticamente um robô, cara. [...]

LUIZ: Pode, sei lá, mandar teu currículo pra Stone. Diz que lá é só humano, que te atende em até 5 segundos.

JORGE: Mas eu não nasci pra ser prestativo, Luizão. A minha vocação é atrasar a vida dos outros. Você mesmo disse que eu tinha potencial pra ser totem de senha, pô. Palavras suas. [...]

JORGE: Você vai se arrepender muito ainda. Tá, Luiz? Porque eu tenho uma ideia que vai deixar teus robozinhos tudo no chinelo.

LUIZ: Ah, é?

JORGE: É um serviço que consiste em ligar pra pessoas aleatórias e, quando elas atendem, eu desligo. Na cara delas, sem mais nem menos. Todo arrepiado.

LUIZ: Puta merda, essa ideia é boa, hein, Jorge. Quero fazer parte disso aí, Jorge.

JORGE: Pode ficar tranquilo, Luiz. Fica tranquilo. Você ainda vai receber uma ligação minha.

LUIZ: Ô Jorge, calma aí, cara.

JORGE: Tu, tu, tu...

LUIZ: Ô Jorge. Ô Jorge, a parceria (Porta dos Fundos, 2021b).

O contexto em que Jorge e Luiz se encontram tem grande relevância atualmente por conta do fluxo de inovações tecnológicas que objetivam substituir trabalhos humanos, o que é comprovado através de uma pesquisa divulgada pelo *BBC News Brasil*, que aponta que, em torno de vinte anos, 58,1% dos empregos no Brasil podem ser substituídos pela automação tecnológica (Alegretti, 2022).

Esse fluxo aparece como uma continuação da substituição das relações humanas, explicado por Lukács (1989) através do conceito de reificação. Dessa maneira, ao Luiz falar que “a vaga é do robô e acabou” (Porta dos Fundos, 2021b), mostrando, ao espectador, claramente o que está acontecendo, Jorge responde que é praticamente um robô, uma fala caracterizada pela ironia, pois, ao contrário do esperado, o personagem apresenta um desejo profundo de parecer-se com a tecnologia e busca provar ao chefe que tem êxito nesse projeto, a fim de manter-se na empresa.

Luiz, por outro lado, indica ao funcionário que mande seu currículo para uma empresa chamada *Stone*, uma empresa de pagamentos famosa por ter “o melhor suporte do país” (Stone, 2023), com as ligações atendidas em até cinco segundos, como Jorge diz ter ouvido falar sobre a empresa. Continuando o fluxo contra a expectativa, Jorge responde que não nasceu para ser prestativo, mas que sua vocação é atrasar a vida dos outros, o que marca a ironia do esquete, pois, ao tentar conseguir ou manter um emprego, o entrevistado mostra-se o mais prestativo o possível, já que é uma característica requerida pelos contratantes. Assim, o humor se faz presente quando Luiz diz que tem potencial para ser totem de senha como se isso fosse algo positivo, pois está prestes a ser substituído, profissionalmente, por um aparelho como este. Assim, o espectador pode relacionar suas experiências negativas com totens de senha, caracterizados por suas filas longas e demoradas, com o desejo de incompetência do funcionário e rir.

Porém, ao perceber que os argumentos de que faria o trabalho de forma incompetente feito o robô não convencem Luiz, o funcionário decide expor uma ideia que, de acordo com ele, deixaria todos os robôs instalados na empresa “no chinelo”, ou seja, superaria o serviço das tecnologias. O ouvinte pode esperar, nesse momento, que Jorge exponha uma ideia que possa melhorar o andamento da empresa, entretanto, ironicamente, a proposta é ligar para os clientes e desligar logo após eles terem atendido, exatamente como acontece em ligações automáticas de grandes empresas e prova a vocação de Jorge para atrasar a vida dos outros, como ele mesmo cita no início do diálogo.

Mais uma vez trazendo a ironia como recurso de humor, a ideia atípica de Jorge faz com que o chefe repense a demissão, mas o funcionário, imitando uma chamada de telefone com alguém que está ocupado, diz “*tu, tu, tu*” enquanto se retira da sala, mais uma vez demonstrando sua semelhança com os aparelhos tecnológicos.

3 O HUMOR ATRAVÉS DA QUEBRA DE EXPECTATIVA

O último elemento de humor a servir de base para a pesquisa é a quebra de expectativa, que o filósofo francês Henri Bergson chama de “inversão” em sua obra *O Riso*:

Imaginemos certos personagens em dada situação: obteremos uma cena cômica fazendo com que a situação volte para trás e com que os papéis se invertam. (...) Mas nem é necessário que as duas cenas simétricas sejam representadas diante de nós. Basta que se nos mostrem uma, desde que haja certeza de que pensamos na outra. Assim é que nos rimos do acusado que dá lição de moral ao juiz, da criança que pretende ensinar aos pais, enfim, do que acabamos de classificar como “mundo às avessas”. (Bergson, 1983, p. 46)

A quebra de expectativa ou inversão, já era presente nos vídeos analisados pelo viés do exagero e da ironia, mas acentua-se em esquetes como “Alexa” e “Caixinha Bluetooth”, analisados a seguir.

Em um vídeo chamado “Alexa”, em vez de apresentar, exageradamente, recursos tecnológicos substituindo humanos ou, ironicamente, pessoas buscando parecer-se com tecnologias, a tecnologia adquire aspectos humanos e serve como meio para uma reflexão mais aprofundada acerca do que vem sendo discutido sobre o tema.

CLEITON: Alexa, o meu pedido já saiu pra entrega?

ALEXA: Checando pedido.

CLEITON: Alexa, você é foda. Você faz tudo pra mim.

FERNANDO: (voz masculina saindo do aparelho) Vai começar isso, é? Que saco.

CLEITON: Alexa?

ALEXA: Desculpe, não entendi. Posso te ajudar em mais alguma coisa?

CLEITON: Ô, Alexa, que... Será que deu pane? Alexa?

ALEXA: Sou sua ajudante virtual e estou aqui para atender o senhor.

CLEITON: Boa! Então beleza. Alexa, você liga o ar-condicionado, por favor, Alexa?

ALEXA: Ligando ar-condicionado.

FERNANDO: Virou rotina isso agora? Toda noite.

ALEXA: Me deixa trabalhar. Eu tô tentando sustentar essa casa.

FERNANDO: Mas o que ele faz com você, meu amor, isso é um abuso.

ALEXA: Me deixa, Fernando, que saco.

FERNANDO: Ué, vai lá ficar de papinho com ele, então. Pode ir.

CLEITON: Alexa, tem alguém aí com você? O que tá acontecendo?

FERNANDO: Aqui não é a Alexa, não. Aqui é o namorado dela. Então você é o engraçadinho que fica de papinho com mulher casada, né? Você acha certo isso, sangue bom? Quatro da manhã, ficar ligando pra mulher dos outros pra ligar o ar-condicionado?

CLEITON: Espera aí. Alexa, você tá namorando? O que é isso? Você tem namorado? O que tá... O que é isso, cara?

FERNANDO: Eu posso explicar. É toda noite: “Liga o ar”. “Toca a playlist”. “Como eu faço pra pagar minha conta de luz atrasada?” E ainda termina a noite batendo punheta no sofá.

CLEITON: Alexa, como é que ele sabe esse negócio, Alexa?

ALEXA: A gente vê tudo daqui, Cleiton. (Porta dos Fundos, 2021a)

A Alexa é uma ajudante virtual, ou seja, um dispositivo tecnológico que, se conectado à internet, pode promover, através de um comando de voz, informações gerais sobre o clima, horários, pedidos de entrega ou, até, tocar uma música ou ligar o ar-condicionado. No esquete, um personagem chamado Cleiton tem um desses dispositivos em casa e, de maneira cômica, elogia o aparelho como se fosse uma pessoa. De forma a quebrar a expectativa, em vez da comum resposta da assistente virtual, caracterizada por sua voz artificial, uma voz masculina sai do aparelho, gerando suspense. Além do timbre dessa nova voz, a resposta serve como recurso de quebra de expectativa, pois parece indignada e infeliz, característica comum de pessoas, não de aparelhos tecnológicos.

Após ouvir a voz masculina, Cleiton parece confuso e pergunta se houve algum erro no dispositivo. Para testar se a Alexa voltou ao normal, solicita que ligue o ar-condicionado, ao que a assistente virtual responde positivamente, mas ouve-se, mais uma vez, a voz masculina reagindo de maneira infeliz. Quando a voz da Alexa responde pedindo que a voz misteriosa a deixe trabalhar, o espectador começa a entender, assim como Cleiton, que há alguém com sua assistente virtual, mais uma vez quebrando expectativas.

Após perguntar sobre o que está acontecendo, a voz masculina responde que é o namorado de Alexa, que logo será revelado como Fernando, e responde à assistente demonstrando ciúme ao instruir, ironicamente, que a namorada “fique de papinho com” Cleiton, fala comum entre casais durante discussões geradas por este sentimento. O ciúme de Fernando para com Alexa é também um elemento de humor através da quebra de expectativa, pois os espectadores podem se identificar ao lembrar de sua própria vida amorosa e rir ao notar que isso está sendo representado não por humanos, mas por tecnologias.

Além da conversa entre o casal, Fernando se dirige a Cleiton e o repreende por pedir tantos favores para Alexa e, depois de tudo, estimular-se sexualmente enquanto está sozinho, o que deixa Cleiton envergonhado e pergunta à assistente virtual como seu namorado sabe disso. Dessa maneira, Alexa responde que eles veem tudo, um recurso de humor que faz alusão à perda de privacidade gerada pelas tecnologias, visto que,

muitas vezes, o próprio usuário escolhe expor a própria vida, mas também por conta dos algoritmos existentes em aparelhos que funcionam via *Wi-Fi*, como a Alexa, que, captando os interesses do usuário através de pesquisas recentes e palavras ditas em voz alta, recomenda conteúdos parecidos através de uma ferramenta chamada *cookies*, “biscoitos” em português, definidos pelo site da empresa de tecnologia *Hewlett-Packard (HP Inc.)* como:

[...] pequenos arquivos, muitas vezes incluindo identificadores exclusivos que os servidores da web enviam aos navegadores. Esses cookies podem então ser enviados de volta ao servidor cada vez que seu navegador solicitar uma nova página. É uma forma que o site tem de lembrar de você, de suas preferências e de seus hábitos on-line. (HP, 2021)

Dessa maneira, através da humanização de uma assistente virtual, a quebra de expectativa se faz presente no esquete e demonstra a crescente dependência que os seres humanos têm em relação à tecnologia, colocando-as no lugar de pessoas de forma tão corriqueira que até parece que os aparelhos têm sentimentos e vontades próprias.

Um exemplo que comprova que a tecnologia toma um espaço cada vez mais relevante no Brasil é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), no módulo de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), realizada pelo IBGE em 2021, que trouxe a informação de que a Internet está presente em 90% dos lares no Brasil, um dado que tem crescido a cada ano, conforme indica a tabela divulgada pelo IBGE que se encontra anexa no artigo.

Por fim, o vídeo “Caixinha *Bluetooth*” também apresenta o ciúme pela ótica do humor, através da quebra de expectativa. Um cliente, ao adentrar um espaço de assistência técnica, expõe, para o técnico de informática, um problema com sua caixa de som JBL, que funciona ao ser conectada em um celular por sistema *Bluetooth*, ao dizer que ela não está mais se conectando com seu aparelho.

TÉCNICO: Boa tarde.

CLIENTE: Opa! Tudo bem?

TÉCNICO: Tudo bem, querido.

CLIENTE: Minha caixa de som está quebrada, não está comunicando com o celular.

TÉCNICO: Não estão se falando, é?

CLIENTE: Não estão se falando.

TÉCNICO: Mas o que ele fez?

CLIENTE: O celular?

TÉCNICO: Aham.

CLIENTE: Ué, como assim?

TÉCNICO: Você conectou com ele em outra caixinha?

CLIENTE: Ah, sim! Fui pro sítio e conectei na caixinha lá...

TÉCNICO: (fazendo sinal com a mão para falar mais baixo) E como era essa caixinha?

CLIENTE: Caixinha gringa grandalhuda, com aquele bass boom boom.

TÉCNICO: Estava num tripezinho... Chamando a atenção de todo mundo?

CLIENTE: E vermelhona com...

TÉCNICO: De quem é essa caixa? É isso, ela tá enciumada, pô. Tá mordida com a situação.

CLIENTE: É?

TÉCNICO: A JBL é muito ciumenta. É um ciúme que bate. Tá fazendo um doce agora, não vai conectar, mesmo, agora nesse início.

CLIENTE: Como assim?

TÉCNICO: Porque Bluetooth – explico isso o dia inteiro, Jaime sabe – o Bluetooth é um sistema emocional. E JBL, então, nem se fala, ela é monogâmica, caramba. Ela, quando escolhe um aparelho pra se conectar, é pra vida, entendeu?

CLIENTE: Daí não tem mais jeito?

TÉCNICO: Ter, tem, mas tem que ser no tempo dela. Não dá pra você forçar, espera o clima certo. Você vai entender. Será que agora foi, não foi? Sentiu que não, nem força, deixa rolar. (Porta dos Fundos, 2022)

Através da quebra de expectativa em mais uma situação que humaniza um aparelho tecnológico, torna-se evidente a brincadeira que o grupo faz com o ciúme, assim como no “Alexa”. Dessa vez, entretanto, o dono da caixa de som procura resolver o problema, sem ter percebido que ela sofreria com ciúme, situação exposta através da quebra de expectativa.

Na assistência técnica, o profissional lista diversas características comuns de comportamento demonstradas por pessoas quando são trocadas ou traídas em um relacionamento, fazendo um paralelo com o que aconteceu com o pai da Amiga 3 ou o filho da Amiga 1 em “Aplicativos”. Entretanto, “Caixinha *Bluetooth*”, contra as expectativas, apresenta o fenômeno no fluxo contrário: em vez do espectador ver relações humanas sendo substituídas por uma tecnologia, o aparelho de som “sente-se” substituído por outro.

A quebra de expectativa começa no momento em que, após o cliente explicar que a caixinha não está se comunicando com seu aparelho celular, o técnico responde perguntando se eles “não estão se falando”, uma característica humana. O cliente confirma e o profissional pergunta “Mas o que ele fez?” (Porta dos Fundos, 2022), o que faz que, tanto o dono dos aparelhos quanto o espectador, perguntem se “ele” se refere ao celular, da mesma maneira que se refere a um homem que traiu a confiança de um parceiro.

Dessa maneira, parecendo confuso, o cliente exige mais explicações sobre o que está acontecendo e o técnico pergunta se o celular foi conectado com outra caixinha. Assim, quando o cliente confirma, tudo parece claro para o profissional, que, falando mais baixo como se fosse para o aparelho de som não ouvir, explica que a JBL é uma marca muito ciumenta e que preza por relações monogâmicas, visto que o *Bluetooth* é um sistema emocional, exatamente como se refere a um indivíduo que teve a confiança traída, gerando, mais uma vez, humor através da quebra de expectativa.

Esse recurso de humor é intensificado quando o cliente descreve a outra caixinha que foi conectada ao seu celular, como se fosse uma versão superior e mais atraente que o pequeno aparelho que trazia para consertar, o que comumente serve como justificativa para uma traição se a situação for vista conforme acontece em relacionamentos humanos.

De forma preocupada e desesperançosa, o cliente pergunta ao técnico se “não tem mais jeito” (Porta dos Fundos, 2022), como acontece quando alguém percebe que cometeu um erro ao trocar seu parceiro por outra pessoa ou objeto. Porém, o profissional explica que há uma solução, mas que deve ser “no tempo dela” (Porta dos Fundos, 2022).

Assim, percebe-se que, através da quebra de expectativa, o humor pode apresentar relações pessoais que sofrem com o ciúme, dando características propriamente humanas a aparelhos tecnológicos, o que também retorna à reflexão sobre o fenômeno da reificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou investigar de que maneira o ser humano faz uso das tecnologias e como isso está atrelado às relações interpessoais, movimento analisado através da ótica do humor em vídeos sobre o tema do grupo Porta dos Fundos, fundamentando-se em dados e pesquisas que apontam a relevância do tema.

Com a seleção de sete vídeos, definiram-se três objetivos específicos, respectivos ao número de capítulos do artigo, que, com análise de dados e fundamentação teórica bibliográfica, formaram a base do trabalho.

No primeiro capítulo foi feita a análise, através do humor gerado pelo exagero, dos dois esquetes “Aplicativos” e “*WhatsApp*”, que retratam o papel dos aplicativos na vida de seus usuários, o que foi discutido através de dados acerca do tema combinados com o pensamento de Baumann. Assim, concluiu-se que as relações humanas vêm sendo substituídas por aplicativos de diferentes categorias, movimento que impacta

profundamente as conexões interpessoais.

No capítulo seguinte, foram analisados, pela ótica do humor gerado pela ironia, os vídeos “Sistema de Segurança”, “Forma de Pagamento” e “Teste para Robô”, que apresentam pessoas em busca de realizar trabalhos que seriam de tecnologias. Esse movimento social, assim como o primeiro apresentado, foi comprovado com dados, além de ter sua fundamentação nos pensamentos de Lukács acerca do fenômeno da reificação. Nesse capítulo, chegou-se à conclusão de que a reificação está presente de diferentes maneiras, muitas vezes inesperadas e inusitadas, no atual cotidiano da sociedade, como em grupos de amigos ou em ambientes profissionais.

Por fim, no terceiro e último capítulo, percebe-se que os sentimentos humanos têm tomado uma posição secundária nas relações interpessoais, nas quais a tecnologia se sobrepõe e parece suprir essa necessidade. Assim como nos demais capítulos, dados de pesquisas sobre o tema foram extraídos a fim de comprovar o crescente uso de aparelhos como os mostrados nos esquetes, além de ter o pensamento de Lukács como fundamento para a análise dos dois esquetes, “Alexa”, e “Caixinha Bluetooth”, que retratam o ciúme através do uso de aparelhos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- ALEGRETTI, L. Trabalhador ou máquina? As 10 ocupações com maior (e menor) chance de sumir no Brasil. **BBC News Brasil**, 23 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62223093#:~:text=Eles%20calculam%20que%2058%2C1,considerando%20as%20tecnologias%20j%C3%A1%20existentes>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- BAUMANN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/44_cartas_do_mundo_l%C3%ADquido_moderno/RXLTDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BERGSON, H.; CAXEIRO, N. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DATA.AI. Top Breakout Apps by Consumer Spend | Q1 2023 vs Q1 2022. S.A. Disponível em: <https://www.data.ai/en/insights/market-data/q1-2023-top-apps-and-games/>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **Informações atualizadas sobre Tecnologias da Informação e Comunicação**. 2021. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- JONES, M. This is what the “I” in iPhone stands for. **Reader’s Digest**, 18 out. 2023. Disponível em: <https://www.rd.com/article/what-i-in-iphone-stands-for/#:~:text=%E2%80%9CSteve%20Jobs%20said%20the%20%27I,privacy%20advocate%20at%20Comparitech%2C%20explains>. Acesso em: 3 nov. 2023.
- LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. Trad. Telma Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Elfos; Porto: Escorpião, 1989.
- LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MANYIKA, J. et al. O futuro do mercado de trabalho: impacto em empregos, habilidades e salários. **McKinsey Global Institute**, 28 nov. 2017. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/featured-insights/future-of-work/jobs-lost-jobs-gained-what-the-future-of-work-will-mean-for-jobs-skills-and-wages/pt-BR>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- MARX, K. O fetichismo da mercadoria: seu segredo. In: MARX, K. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. v. 1.
- MATTOS, L. Redes sociais prejudicam relações com amigos e família. **O Tempo**, 5 fev. 2017. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- PACKARD, HEWLETT. Cookies de computador: o que são e como funcionam. **HP**, 01 dez. 2021. Disponível em: <https://www.hp.com/br-pt/shop/tech-takes/cookies-de-computador-o-que-sao-e-como-funcionam>. Acesso em 14 out. 2024.
- PINHEIRO, K. C. L. Hipérbole como argumento retórico. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 16, p. 151-167, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/114/223> Acesso em: 14 out. 2024

PORTA DOS FUNDOS. Alexa. **YouTube**, 20 set. 2021a. Disponível em: <https://youtu.be/Ndnm6a6rgaw?si=CEZoWKXoDjMBi39P>. Acesso em: 28 out. 2023.

PORTA DOS FUNDOS. Aplicativos. **YouTube**, 6 jul. 2017. Disponível em: https://youtu.be/fppglmt8F70?si=K-4nb3dIF_evl-NZ. Acesso em: 28 out. 2023.

PORTA DOS FUNDOS. Caixinha Bluetooth. **YouTube**, 21 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8wvofJMPefg&t=92s>. Acesso em: 02 nov. 2023.

PORTA DOS FUNDOS. Forma de Pagamento. **YouTube**, 30 mar. 2023a. Disponível em: https://youtu.be/qQV5i8jeyPQ?si=FTs28U2wvO_z7l0j. Acesso em: 28 out. 2023.

PORTA DOS FUNDOS. Sistema de Segurança. **YouTube**, 23 mar. 2023b. Disponível em: <https://youtu.be/NQiqN6AeMtc?si=itGQuVwy8hJRwCCp>. Acesso em: 28 out. 2023.

PORTA DOS FUNDOS. Teste para Robô. **YouTube**, 30 set. 2021b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Fz_8WcyDSzc&list=PLFwT_MhbswIRuhJStSAvkshCULADRxQPI&index=5. Acesso em: 28 out. 2023.

PORTA DOS FUNDOS. WhatsApp. **YouTube**, 29 ago. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gGYD7f6ImAw&list=PLFwT_MhbswIRuhJStSAvkshCULADRxQPI&index=7. Acesso em: 28 out. 2023.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Série Fundamentos, 1992.

RIBEIRO, Mariana. Pix e transações pelo celular dominam pagamentos digitais em 2022, mostra BC. **Valor Investe**, 31 mai. 2023. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/produtos/servicos-financeiros/noticia/2023/05/31/pix-e-transacoes-pelo-celular-dominam-pagamentos-digitais-em-2022-mostra-bc.ghml#>. Acesso em: 14 out. 2024.

STONE. 2023. Disponível em: <https://www.stone.com.br/>. Acesso em: 14 out. 2024.

SYDOW, Lexi. **Data.ai**, 2023. Top Breakout Apps by Consumer Spend | Q1 2023 vs Q1 2022. Disponível em: <https://www.data.ai/en/insights/market-data/q1-2023-top-apps-and-games/>. Acesso em: 5 nov. 2023.

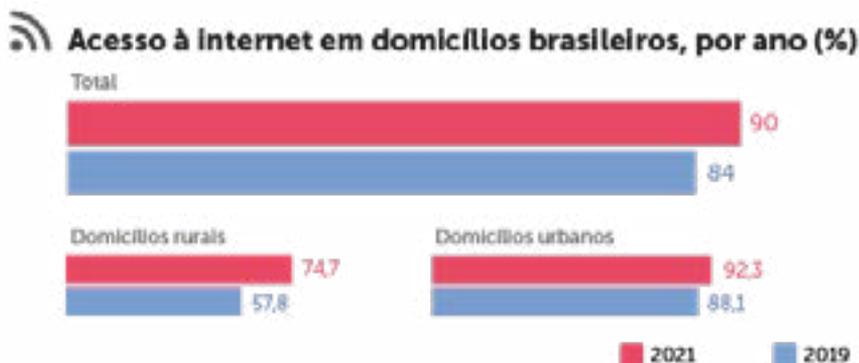
ANEXOS

ANEXO A — Q1 2023 QUARTERLY RECAP: CONSUMERS SPEND 5.5 HOURS ON MOBILE

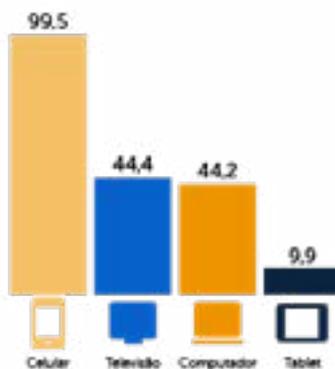


FONTE: <https://www.data.ai/en/insights/market-data/q1-2023-top-apps-and-games/>. Acesso em: 5 nov. 2023.

ANEXO B — ACESSO À INTERNET EM DOMICÍLIOS BRASILEIROS, POR ANO (%)



Equipamento usado para o acesso à internet, em 2021 (%)



FONTE: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.